

A HISTÓRIA VISTA DE BAIXO: as autobiografias de Harriet Jacobs e Frederick Douglass

Ruan Nunes Silva¹

Resumo: Privilegiando uma perspectiva comparativista e interdisciplinar no campo dos estudos literários, este trabalho propõe analisar duas narrativas autobiográficas produzidas no século XIX por dois ex-escravos estadunidenses, Harriet Jacobs e Frederick Douglass. Compreendendo a abordagem literária como indissociável de seu contexto histórico, esta investigação parte do conceito de "história vista de baixo" conforme proposto pelos historiadores Peter Burke e Jim Sharpe para discutir questões de raça, gênero e classe apresentadas por Jacobs e Douglass em suas obras.

Palavras-chave: Literatura comparada; História vista de baixo; Harriet Jacobs; Frederick Douglass.

¹ Professor de Língua Inglesa – Colégio e Curso pH e SME-RJ. Doutorando em Literatura Comparada (UFF). Mestre em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ). Especialista em Língua Inglesa (PUC-Rio). Certificate in Advanced English (CAE) e Certificate of Proficiency in English (CPE) pela Cambridge University (UK). E-mail: ruan.nunes@hotmail.com

Tânia Franco Carvalhal encerra seu livro *Literatura Comparada* ressaltando que “o estudo comparado da literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por um ‘ar de parecença’ entre os elementos” (CARVALHAL, 2006, p. 86) para ocupar-se de questões mais gerais das quais as obras são “manifestações concretas.” Em outros termos, Carvalhal coloca em xeque a visão do estudo comparatista como isolado do social, do político e da cultura, logo as obra literárias podem ser articuladas com outros campos do saber, como as ciências sociais, a história e a psicologia, para complementar e contrastar visões.

Um objeto de estudo comparatista que Carvalhal cita é a interseção entre literatura e história, resultado da interdisciplinaridade encorajada pelas inovações metodológicas na literatura comparada. Ao tratar das relações entre os campos supracitados, é impossível negar a contribuição da corrente historiográfica intitulada nova história (em francês, *nouvelle histoire*) para a discussão de obras literárias.

Segundo o professor da Universidade de Cambridge Peter Burke, a nova história é “a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional” (BURKE, 2011, p. 10), a história que se interessa por virtualmente todas as atividades humanas e não mais com os grandes feitos. Por mais vago e impreciso que o termo pareça, Burke contrasta traços característicos do paradigma tradicional com as perspectivas da nova história para ilustrar a importância dessa corrente nas discussões do campo da história. Como o nosso interesse é sinalizar pontos em comum entre duas obras de ex-escravos estadunidenses a partir da interseção entre literatura e história, não temos a

intenção de uma discussão aprofundada acerca das críticas elaboradas em relação à nova história, evitando assim uma discussão sobre correntes historiográficas.

De maneira sucinta, Burke diz que a história no paradigma tradicional se ocupava essencialmente da vida política – leia-se questões internacionais e nacionais que ignoravam as regionais – enquanto a nova história se interessa pela história que todas as coisas têm. Não por acaso Burke ressalta que tópicos antes considerados *a-históricos* se tornaram notáveis elementos no século XX como a morte, a loucura, o corpo, a infância etc. Por essa razão, Burke ressalta que o paradigma tradicional oferecia “uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história. (BURKE, 2011, p. 12)

A partir da discussão dessa história vista de cima, ou seja, uma história elaborada a partir de “grandes feitos de grandes homens”, a nova história aponta uma preocupação de historiadores que tratam da história vista de baixo. Em outras palavras, a história vista de baixo se ocupa das opiniões das pessoas comuns, deslocando o centro da atenção para aquelas previamente deixadas de fora da história.

Outro traço do paradigma tradicional contestado pela nova história é de que a história é baseada em documentos oficiais, aqueles preservados em arquivos e/ou registrados por governos. Entretanto, esses registros oficiais expressam um ponto de vista específico, limitando a discussão e a percepção da história, afinal, como estudar as atitudes de rebeldes se estes são retratados nos

registros oficiais de uma forma que difere de outros registros não oficiais? Aqui também encontramos outra característica do paradigma tradicional: a história é objetiva, logo os historiadores apresentam fatos. A contribuição de outros campos como o feminismo e a psicologia permitem que esses fatos sejam questionados e repensados. Burke comenta que “percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra.” (BURKE, 2011, p. 16), portanto a história deixa de ser lida através de uma única ótica. A noção de história como objetiva cai por terra quando se enquadram outras formas de avaliar o mesmo ‘fato’.

A expressão “história vista de baixo” suscita questionamentos sobre que ponto de vista será abordado e privilegiado. Para ilustrar esse problema com o tema do presente trabalho, uma história vista de baixo da escravidão se preocuparia com uma experiência generalizada ou focaria nas dificuldades específicas de escravos e escravas, colocando o gênero como um fator primordial? Essa é uma das críticas aos trabalhos que utilizam a noção de uma história vista de baixo, pois ao mesmo tempo em que se privilegia um ponto, outro pode estar sendo ignorado ou deixado de lado.

Colocando em evidência uma preocupação com a história da população comum, a história vista de baixo cumpre dois papéis importantes segundo Jim Sharpe, professor emérito da Universidade de York. O primeiro é “servir como correção à história da elite” e o segundo é abrir “a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais da história.” (SHARPE, 2011, p. 54)

Quando Sharpe diz “correção à história da elite”, ele realça a necessidade de recordar que “nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais” (SHARPE, 2011, p. 60). No caso das narrativas de ex-escravos, esse fator é um símbolo para registrar o lugar do sujeito negro na sociedade, pois a sociedade estadunidense, como muitas outras, ainda não conseguiu encontrar formas de lidar com o passado escravocrata e sua população negra, vide o recente movimento Black Lives Matter. As identidades que são discutidas nas obras de Harriet Jacobs e Frederick Douglass não são produtos apenas de escravos africanos; elas são também símbolos da hibridização entre escravos e senhores, entre negros e brancos.

Sobre o segundo papel citado por Sharpe, é impossível para os estudos literários do século XXI ignorarem obras representativas de um grupo que tende a ser essencializado. Ler autobiografias de negros escravizados e compreender essa parte da literatura como um pedaço da história estadunidense é um ato de resistência ao estabelecido cânone ocidental. Além disso, essas obras possibilitam uma visão histórica de atos de senhores de engenho, além de noções acerca de vestimentas e hábitos alimentares.

As obras aqui investigadas têm sido parte de recentes estudos afroamericanos e classificadas como *slave narratives*, termo traduzido como narrativas de escravos em língua portuguesa. Ao tratar de práticas literárias autobiográficas, as teóricas Sidonie Smith e Julia Watson definem as narrativas de escravos como “um tipo de narrativa de si escrita por um fugitivo ou um escravo liberto do cativo, opressão – física, econômica e emocional – e que escapa para um tipo de liberdade.” (SMITH & WATSON, 2010, p. 280, minha

tradução) Além disso, as autoras relatam que boa parte das narrativas de escravos foram escritas no período anterior à Guerra Civil Americana, mesmo que algumas tenham sido publicadas apenas no século XX.

Smith & Watson afirmam que uma das dificuldades encontradas nestas narrativas foi a incredibilidade do público, uma vez que escravos letrados eram raros e suas habilidades cognitivas eram declaradas mínimas ou nulas não só pelos senhores, mas por partes da sociedade em geral. Este foi um dos vários obstáculos encontrados por Harriet Jacobs e Frederick Douglass, uma vez que a capacidade deles de não só ler e escrever, mas também de proclamar discursos e engajar na luta foi questionada a ponto de invalidar o livro de Jacobs como um testemunho das agruras da escravidão. Por muitos anos, o livro de Jacobs fora lido como uma obra ficcional e não como uma autobiografia.

Um ponto levantado por Smith & Watson é o conceito de liberdade nas narrativas de escravos, pois a emancipação não necessariamente significava a mesma liberdade apreciada por sujeitos brancos. As narrativas de escravos interrogam a noção de um sujeito liberal, especialmente quando se pensa em figuras do Transcendentalismo na literatura estadunidense. Além disso, tais narrativas “questionam mitos do sistema escravista divulgados na cultura de plantação da história e literatura sulista” (SMITH & WATSON, 2010, 281), colocando em evidência as práticas cruéis não só dos chefes de engenho e seus empregados, mas também de todo um sistema social que negava aos negros qualquer oportunidade de ascender.

Não é por acaso que a escritora e ensaísta Toni Morrison critica em *Playing in the Dark* que é difícil ler a literatura produzida pela jovem nação americana sem

se chocar com quão antitética ela é comparada com a interpretação moderna do American Dream. Morrison aponta as falhas no discurso do American Dream que ignora(va) a população negra dos Estados Unidos. Mais complicada ainda é a afirmação de teóricos, segundo Morrison, de que nunca leram uma obra sequer de um autor afroamericano e que se orgulham de tal. Nas palavras de Morrison, o que é interessante – e não surpreendente – é o fato de que a recusa a ler textos negros repete-se na leitura dos textos tradicionais e canônicos. (MORRISON, 1993, p. 13) Críticos e acadêmicos americanos estabeleceram um cânone que deve ser seguido, ignorando outras obras ou desprezando o valor destas como superficiais, sentimentais ou sem caráter estético.

Alinhando o conceito de história vista de baixo e a necessidade de (re)descobrir obras literárias de escritores negros, a discussão de duas obras produzidas no século XIX por ex-escravos oferece espaço não só para dar visibilidade, mas também para demonstrar que existem vozes subalternas que podem falar.

A primeira escritora, Harriet Jacobs, nasceu em 1813 no estado americano da Carolina do Norte. Após a morte de sua mãe por volta de 1819, Jacobs passou a morar com Margaret Horniblow, ex-senhora de sua mãe. Enquanto moradora da casa de Horniblow, esta ensinara Jacobs a ler, escrever e cozinhar. Quando Horniblow faleceu, Jacobs se tornou escrava da sobrinha de sua ex-ama, Mary Mathilda, porém a jovem tinha apenas cinco anos, tornando o pai de Mathilda, James Norcom, o seu mestre *de facto*.

Norcom era um cidadão proeminente e tentou por diversas vezes molestar Jacobs, que, não encontrando uma saída, decidiu engravidar de outro homem,

Samuel Sawyer. Entretanto, Norcom se recusou a vender Jacobs e continuou suas investidas, forçando Jacobs a fugir e se esconder por sete anos dentro de um espaço no sótão da casa de sua avó. Escondida, Jacobs consegue a ajuda de Sawyer para comprar e libertar seus dois filhos e criar um plano de fuga. Em 1842 ela consegue fugir para o norte dos Estados Unidos para começar uma nova vida como babá de Nathaniel Willis. Apenas em 1852 Jacobs se tornaria livre após a ajuda da segunda esposa de Willis, Cornelia Grinnel Willis, que a compraria para libertá-la.

Escrito entre 1853 e 1858, *Incidents in the Life of a Slave Girl*² foi publicado em 1961, sob o pseudônimo Linda Brent. Recebido bem pela crítica abolicionista, a obra foi logo ignorada com o início da Guerra Civil Americana iniciada também em 1961. Vale lembrar que defensores da escravidão buscaram configurar *Incidents* como uma obra ficcional ao questionarem a autenticidade, uma vez que Linda Brent era um pseudônimo. Smith & Watson explicam que muitas vezes as narrativas de escravos eram editadas e nomes eram trocados a fim de garantir a proteção daqueles que ajudaram os ex-escravos e que ficaram para trás. (SMITH & WATSON, 2011, p. 35) Tal ação se tornou um dos questionamentos daqueles que apoiavam o sistema escravista do sul, criticando *Incidents* como uma fraude. Apenas na década de 1970, mais de cem anos depois de sua publicação original, a obra foi retomada pela crítica com o trabalho da historiadora Jean Fagan Yellin.

Antes da pesquisa de Yellin, *Incidents* era tido pela crítica como uma obra ficcional de Lydia Marie Child, abolicionista que escreveu a introdução da autobiografia de Jacobs. A pesquisa de Jean Fagan Yellin nos anos 1970 provou,

² A partir deste momento *Incidents in the Life of a Slave Girl* sera citado como *Incidents*.

através de arquivos como jornais da época e até mesmo documentos de Norcom e Horniblow, que *Incidents* era uma obra de Jacobs e não de Childs. É fundamental sinalizar o papel de Yellin na recuperação de *Incidents* como uma autobiografia que explorava um tema tão caro ao universo americano como a escravidão através de uma ótica que privilegia gênero. A partir do estudo de Yellin, *Incidents* passou de uma esquecida obra para uma das narrativas de escravos mais estudada em ambientes acadêmicos.

O segundo escritor, Frederick Douglass, nasceu por volta de 1818, uma vez que ele abre a sua autobiografia atestando não saber a sua data de nascimento. Inicialmente um escravo em Maryland, Douglass mais tarde seria mandado para Baltimore para a plantação de Hugh Auld. Aos doze anos, a esposa de Auld ensina o alfabeto a Douglass, porém o ensino é interrompido por Auld que acreditava que saber ler e escrever poderia encorajar os escravos a desejarem liberdade.

Mais tarde, Douglass se educa com materiais como jornais e livros, além de criar grupos para ensinar outros escravos a ler e escrever. Ao falar sobre as suas leituras, Douglass aponta a leitura de obras de Richard Sheridan como fundamentais na sua visão sobre direitos humanos e escravidão.

The reading of these documents enabled me to utter my thoughts, and to meet the arguments brought forward to sustain slavery; but while they relieved me of one difficulty, they brought on another even more painful than the one of which I was relieved. The more I read, the more I was led to abhor and detest my enslavers. I could regard them in no other light than a band of successful robbers, who had left their homes, and gone to Africa, and stolen us from our homes, and in a strange land reduced us to slavery. I loathed them as being the meanest as well as the most wicked of men. (DOUGLASS, 1999, p. 44-45)

A leitura se torna então um instrumento de conscientização para Douglass ao permitir que ele crie argumentos contra a escravidão. Douglass consegue ir contra a maré de materiais que demonstravam a escravidão como um sistema justo no qual escravos se sentiam contentes. Após escapar em 1838, Douglass conseguiu se estabelecer no norte e publicou sua primeira obra, *Narrative of the Life of Frederick Douglass*³. Além de escrever outras autobiografias, Douglass participou de protestos abolicionistas e se tornou um famoso orador nos círculos.

Percebemos aqui que as práticas da escrita e leitura foram fundamentais para alcançar um patamar de liberdade que diferia daquele dos outros escravos. Em lugar de se sentirem especiais e buscarem galgar outros espaços, Jacobs e Douglass investiram na educação de outros escravos a fim de conscientizá-los de seus direitos e lutaram em prol da causa abolicionista. Entra aqui o questionamento anterior suscitado por Smith & Watson acerca da concepção de que tipos de liberdade esses escravos alcançariam ao serem emancipados pelos seus senhores, afinal, mesmo com essa liberdade que tanto almejavam, os escravos ainda não seriam considerados plenos cidadãos dentro da cultura estadunidense.

Um dos primeiros traços em comum entre *Incidents* e *Narrative* é a forma como ambas iniciam. Jacobs começa a sua narrativa com uma breve apresentação da sua própria inocência enquanto criança: “I was born a slave; but I never knew it till six years of happy childhood had passed away.” (JACOBS, 2000, p. 7) Jacobs descreve que apenas com a morte de sua mãe ela percebeu, através de conversas, que era uma escrava – “When I was six years old, my

³ A partir de agora a obra de Douglass será abreviada como *Narrative*.

mother died; and then, for the first time, I learned, by the talk about me, that I was a slave.” (JACOBS, 2000, p. 9)

Já Douglass inicia a sua narrativa com uma breve apresentação de si, além de imediatamente proporcionar o leitor com o desconforto da naturalização da crueldade da escravidão.

I was born in Tuckahoe, near Hillsborough, and about twelve miles from Easton, in Talbot county, Maryland. I have no accurate knowledge of my age, never having seen any authentic record containing it. By far the larger part of the slaves know as little of their ages as horses know of theirs, and it is the wish of most masters within my knowledge to keep their slaves thus ignorant. I do not remember to have ever met a slave who could tell of his birthday. (DOUGLASS, 1999, p. 15)

O desconforto que Douglass já evidencia nas primeiras linhas do seu texto é a ausência de uma identidade. Douglass compara a falta de consciência de um escravo com a irracionalidade de um cavalo, deixando também claro o desejo dos senhores de manter seus escravos ignorantes. Um escravo que não sabe a sua idade ou o seu aniversário já inicia a sua vida com uma perda de um traço da sua identidade.

Ainda no primeiro capítulo de *Narrative*, Douglass descreve a primeira vez que presenciou uma pena de chicote, marcando para sempre a sua percepção da desumanização do escravo:

I remember the first time I ever witnessed this horrible exhibition. I was quite a child, but I well remember it. I never shall forget it whilst I remember any thing. It was the first of a long series of such outrages, of which I was doomed to be a witness and a participant. It struck me with awful force. It was the bloodstained gate, the entrance to the hell of slavery, through which I was about to pass. It was a most terrible spectacle. I wish I could commit to paper the feelings with which I beheld it. (DOUGLASS, 1999, p. 18)

Douglass descreve a primeira violência física das várias que presenciaria e sofreria antes de fugir para o norte dos Estados Unidos. Os traços de violência em *Incidents e Narrative* vão além da física, conforme o trecho acima de Douglass marca. No segundo capítulo de *Incidents*, Jacobs também descreve a hipocrisia que permeava o sistema escravista ao falar sobre a esposa de seu senhor:

Mrs. Flint, like many southern women, was totally deficient in energy. She had not strength to superintend her household affairs; but her nerves were so strong, that she could sit in her easy chair and see a woman whipped, till the blood trickled from every stroke of the lash. She was a member of the church; but partaking of the Lord's supper did not seem to put her in a Christian frame of mind. (JACOBS, 2000, p. 14)

Jacobs contrapõe a ausência de energia de Mrs. Flint para administrar as tarefas domésticas com a repentina força que ela tinha para assistir uma mulher ser chibatada. Além disso, Jacobs imediatamente coloca um dado para fazer sua ironia mais clara: como um membro da igreja poderia ser tão cruel ao ponto de apreciar tamanha violência? Jacobs explora assim as incongruências entre o pensamento cristão e os valores liberais: estes seriam apenas válidos para os cidadãos brancos, uma vez que os negros não tinham direitos, nem mesmo o direito de ter alguma família:

Moreover, my mistress, like many others, seemed to think that slaves had no right to any family ties of their own; that they were created merely to wait upon the family of the mistress. I once heard her abuse a young slave girl, who told her that a colored man wanted to make her his wife. "I will have you peeled and pickled, my lady," said she, "if I ever hear you mention that subject again. Do you suppose that I will have you tending _my_ children with the children of that nigger?" The girl to whom she said this had a mulatto child, of course not acknowledged by its father. (JACOBS, 2000, p. 42)

As histórias que Jacobs conta sobre outros escravos ilustram as dificuldades em lidar com o poder dos senhores e suas esposas. Uma sociedade

que se percebia religiosa e que ignorava os preceitos da própria religião, conforme Douglass atesta em diversos momentos em sua narrativa. Um exemplo desta questão é o momento em que ele descreve a ajuda que obteve de meninos brancos para aprender a ler e escrever: Douglass explica que não poderia citar os nomes dos meninos por medo que eles pudessem sofrer alguma sanção, afinal, “it is almost unpardonable offence to teach slaves to read in this Christian country.” (DOUGLASS, 1999, p. 43).

Enquanto *Incidents* e *Narrative* possuem diversos pontos em comum, é a autobiografia de Jacobs que traz à tona questões de gênero. Quando a filha de Jacobs nasce, ela demonstra sua tristeza em ter uma menina:

When they told me my new-born babe was a girl, my heart was heavier than it had ever been before. Slavery is terrible for men; but it is far more terrible for women. Superadded to the burden common to all, *they* have wrongs, and sufferings, and mortifications peculiarly their own. (JACOBS, 2000, p. 86)

Ter uma filha no sistema escravista significava que ela enfrentaria todas as dificuldades de um escravo, porém ainda precisaria lidar com o constante abuso por parte dos senhores. Enquanto escravos do sexo masculino eram valorizados pelo trabalho que poderiam fazer, as escravas ofereciam ainda a oportunidade de aumentar o número de escravos e saciar a luxúria de seus senhores.

Enquanto escrevia *Incidents*, Jacobs direcionou sua escrita ao público branco feminino, na esperança de que suas palavras pudessem tocá-las a fim de movimentar o grupo a favor dos negros escravizados. Para tal fim, Jacobs marca as formas de opressão feminina para delimitar como as experiências de escravos e escravas diferiam.

But, O, ye happy women, whose purity has been sheltered from childhood, who have been free to choose the objects of your

affection, whose homes are protected by law, do not judge the poor desolate slave girl too severely! If slavery had been abolished, I, also, could have married the man of my choice; I could have had a home shielded by the laws; and I should have been spared the painful task of confessing what I am now about to relate; but all my prospects had been blighted by slavery. (JACOBS, 2000, p. 60)

Jacobs descreve a impossibilidade das escravas de se defenderem de abusos de seus senhores, especialmente quando ela narra a sua decisão de engravidar de outro homem para fugir da investida de seu senhor. Jacobs realça que se a escravidão não existisse, ela poderia ter escolhido o homem com quem se casaria, buscando sentimentalizar o discurso para obter o resultado mencionado anteriormente.

Ainda discutindo a questão de gênero, é importante chamar atenção para o sacrifício que Jacobs realiza para libertar seus filhos da escravidão: ela decide se esconder por sete anos dentro do sótão de sua avó sem poder manter contato com seus filhos. O plano de Jacobs era fazer com que todos acreditassem que ela fugira para o norte, inclusive com a ajuda de escravos livres para enviar cartas com endereços falsos. Ademais, Jacobs colocou sua vida em risco para encontrar meios de salvar a sua família. Fosse Jacobs um escravo e não uma escrava, talvez as suas decisões tivessem sido diferentes, uma vez que houve diversas chances para que Jacobs fugisse.

Além de colocar a questão de gênero em evidência, Jacobs também abre espaço para discutir a influência da escravidão na população branca.

I was twenty-one years in that cage of obscene birds. I can testify, from my own experience and observation, that slavery is a curse to the whites as well as to the blacks. It makes white fathers cruel and sensual; the sons violent and licentious; it contaminates the daughters, and makes the wives wretched. And as for the colored race, it needs an abler pen than mine to describe the extremity of

their sufferings, the depth of their degradation. (JACOBS, 2000, p. 58)

Enquanto passou vinte e um anos na “gaiola da obscenidade”, Jacobs pode observar como o sistema escravista influenciava não só a maneira como a população negra se compreendia inferior pela negação do acesso ao conhecimento, mas também como a população branca se construía superior pelo medo. No trecho citado acima Jacobs sistematiza como toda a família branca é influenciada: o pai se torna cruel e abusador, o filho herda a violência e o desejo por poder, a mãe se torna triste e miserável pela raiva das escravas abusadas pelo marido, e a filha se contamina por todos esses fatores. Os comentários de Jacobs não poupam críticas ao sistema no qual esteve inserida: “Yet few slaveholders seem to be aware of the widespread moral ruin occasioned by this wicked system. Their talk is of blighted cotton crops – not of the blight on their children’s souls.” (JACOBS, 2000, p. 58) Vale notar aqui que Jacobs utiliza o termo “blight” que significa “praga” ou “arruinar”, deixando sua posição marcada sobre a necessidade de falar não sobre as culturas de algodão destruídas, mas sim sobre a praga que se instalava na alma de seus filhos.

Douglass também explora as nuances de influência da escravidão na população branca, especialmente ao tratar da esposa de seu senhor, Hugh Auld. Através dela, Douglass aprendeu o alfabeto e iniciou seus estudos, porém o processo foi interrompido pelo seu senhor. Inicialmente uma mulher bondosa e de bom coração, Douglass acompanha a sua transformação em uma mulher cruel e sem piedade, tal qual o marido.

But, alas! This kind heart had but a short time to remain such. The fatal poison of irresponsible power was already in her hands, and soon commenced its infernal work. That cheerful eye, under the

influence of slavery, soon became red with rage; that voice, made all of sweet accord, changed to one of harsh and horrid discord; and that angelic face gave place to that of a demon. (DOUGLASS, 1999, p. 38)

De cordial e generosa, Sophia Auld se transformou em uma repugnante figura, seguindo os conselhos de seu marido. Nas palavras de Hugh Auld, um escravo precisa saber apenas obedecer ao seu mestre, pois ele se tornaria ingovernável e impossível de se controlar ao aprender a ler e escrever, tornando-o sem valor para o seu senhor. (DOUGLASS, 1999, p. 39)

É interessante notar que as duas narrativas demonstram uma ausência na produção cultural anterior para servir de inspiração para Jacobs e Douglass. Conforme Richard Ruland & Malcolm Bradbury apontam em seu estudo sobre a literatura americana *From Puritanism to Postmodernism*, o romance *bestseller* *Uncle Tom's Cabin* de Harriet Beecher Stowe apresentou a vida dos negros – em uma visão branca – para uma literatura que até então havia ignorado a presença destes na sociedade. (RULAND & BRADBURY, 1991, p. 184) Entretanto, o propósito “inocente” de *Uncle Tom's Cabin* criou estereótipos que permeariam boa parte das obras e do imaginário social e apenas começariam a ser desconstruídos por movimentos como o Harlem Renaissance e o movimento pelos direitos civis. A ausência de modelos referenciais significa que as obras de Jacobs e Douglass são ainda mais desafiadoras de todo um contexto escravista. Eles escreveram em uma época em que se negava qualquer tipo de educação aos negros escravizados. Seus escritos devem ser compreendidos como ferramenta tanto de busca de uma identidade quanto de independência.

Colocar *Incidents* e *Narrative* em evidência é negociar com o passado que a escritora Alice Walker descreve em seu *In Search of Our Mothers' Gardens*.

Walker escreve que escritores negros parecem estar sempre envolvidos em uma briga moral ou física e cujo resultado seria algum tipo de liberdade. (WALKER, 1984, p. 5) Em alguns ensaios na referida obra, Walker explica que a sua busca por uma escritora negra que evocasse os sentimentos que ela procurava a fez esbarrar em Zora Neale Hurston, escritora cujas obras foram esquecidas durante décadas. Essa busca por referências tornou possível a escrita de Walker, porém Jacobs e Douglass precisaram romper com diversos paradigmas de sua época sem a ajuda de outros escritores. Trilharam, assim, um caminho tortuoso sem a ajuda de prévia base para abrir caminhos.

Para possibilitar uma *história vista de baixo* que abrace obras como *Incidents* e *Narrative*, faz-se necessário questionar a noção de imortalidade de um cânone literário. Em seu polêmico *O Cânone Ocidental*, Harold Bloom afirma que as obras canônicas assim se tornaram após sobreviver a uma imensa luta nas relações sociais e que os valores estéticos emanam dessa luta. (BLOOM, 2010, p. 56) Entretanto, isso parece ignorar o próprio parâmetro anterior citado por Bloom de que “toda originalidade literária forte se torna canônica”. (BLOOM, 2010, p. 40). Apesar de não citar Jacobs em sua lista de obras canônicas, Douglass aparece com *Narrative* na lista de Bloom. Fica aqui mais um questionamento desta investigação: não seriam *Incidents* e *Narrative* originais no sentido bloomiano? O conceito de *história vista de baixo* nos diz que sim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**: os livros e a escola do tempo. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2006.

DOUGLASS, Frederick. **Narrative of the Life of Frederick Douglass**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

JACOBS, Harriet. **Incidents in the Life of a Slave Girl**. New York: Penguin, 2000.

MORRISON, Toni. **Playing in the Dark: whiteness and the literary imagination**. New York: Vintage Books, 1993.

RULAND, Richard & BRADBURY, Malcolm. **From Puritanism to Postmodernism: a history of American literature**. New York: Penguin, 1991.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 40-98

SMITH, Sidonie & WATSON, Julia. **Reading Autobiography: a guide for interpreting life narratives**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

WALKER, Alice. **In Search of Our Mothers' Gardens**. Orlando: Harcourt Brace Jovanovich, 1984.

HISTORY FROM BELOW: the autobiographies of Harriet Jacobs and Frederick Douglass.

Abstract: Privileging a comparatist and interdisciplinary perspective in the field of comparative literature, this article aims at analysing two autobiographical narratives produced in the 19th century by two former American slaves, Harriet Jacobs and Frederick Douglass. Taking into consideration that literary studies cannot be dissociated from their historical context, this investigation uses the concept of "history from below" as proposed by historians Peter Burke and Jim Sharpe to approach questions of race, gender and class issued forth by Jacobs and Douglass in their narratives.

Keywords: Comparative Literature; History from below; Harriet Jacobs; Frederick Douglass.

Recebido em 16/10/2017.

Aprovado em 14/11/2017.